

Anne Rice

Os lobos da invernia

Tradução de Alexandre D'Elia

Rocco

1

Era o começo de dezembro, profundamente frio e cinzento, a chuva batendo como sempre, mas as toras de carvalho jamais haviam queimado com tanta intensidade nos vastos aposentos de Nideck Point. Os distintos cavalheiros, que agora, no jargão de Reuben, haviam se tornado os Distintos Cavalheiros, já estavam falando das festividades natalinas, de tradições antigas e veneráveis, de receitas de hidromel e de comida para um banquete, e de encomendar grandes quantidades de guirlandas recém-colhidas para decorar os umbrais, os consolos das lareiras e as balaustradas das escadarias da antiga casa.

Para Reuben, seria um Natal como nenhum outro, festejado ali naquela casa com Felix Nideck, Margon e Stuart, e todos aqueles que amava. Essas pessoas eram sua nova família. Aquele era o secreto, porém alegre e acolhedor, mundo dos *Morphenkinder* ao qual Reuben agora pertencia, com muito mais propriedade do que ao mundo de sua família humana.

Uma encantadora governanta suíça, de nome Lisa, juntara-se ao restante dos empregados não fazia mais do que dois dias. Uma imponente mulher com um ligeiro sotaque alemão e modos bastante educados, ela já tornara-se a senhora de Nideck Point, cuidando de incontáveis pequenos detalhes automaticamente e com tanta facilidade que deixou todos bem confortáveis. Ela usava uma espécie de uniforme que consistia de vestidos pretos de seda que lhe caíam abaixo do joelho, mantinha os cabelos louros no que se costumava chamar de coque francês e sorria sem esforço.

Os outros, Heddy, a camareira inglesa, e Jean Pierre, o valete de Margon, aparentemente a estavam esperando e faziam-lhe deferência, os três frequentemente sussurrando juntos, quase que furtivamente em alemão, à medida que realizavam suas tarefas.

Todas as tardes, Lisa acendia as Luzes das Três Horas, como ela as chamava, dizendo que era desejo de Felix que jamais fossem esquecidas. Assim, os aposentos principais estavam sempre alegres quando a escuridão invernal chegava, e ela cuidava das lareiras que se tornaram indispensáveis para a paz de espírito de Reuben.

Outrora, em San Francisco, as pequenas lareiras a gás da casa de Reuben eram agradáveis, sim, um luxo certamente, e com muita frequência abandonadas por completo. Mas, ali, as grandes lareiras flamejantes faziam parte da vida, e Reuben dependia delas, de seu calor, de sua fragrância, de seu brilho fantasmagórico e tremeluzente, como se aquilo, Nideck Point, não se tratasse, afinal de contas, de uma casa, mas do coração de uma grande floresta que era o mundo com sua escuridão eternamente usurpadora.

Jean Pierre e Heddy ficaram mais confiantes desde a chegada de Lisa para oferecer a Reuben e Stuart todo o conforto possível e imaginável para levar café ou chá sem que houvessem solicitado e entrar nos quartos para arrumar as camas assim que os grogues residentes saíssem dos aposentos.

Aquilo era um lar, tomando forma cada vez mais completamente ao redor de Reuben, incluindo seus mistérios.

E Reuben não queria de fato responder as frequentes mensagens telefônicas de San Francisco, de sua mãe e de seu pai, ou de Celeste, que nos últimos dias ligava constantemente.

O mero som da voz dela, chamando-o de Menino Luz, o deixava irritado. Sua mãe o chamava de Bebezinho ou de Menininho, de vez em quando. Ele conseguia lidar com isso. Mas Celeste agora usava seu antigo apelido, Menino Luz, sempre que falava com Reuben. Todas as mensagens eram para o Menino Luz, e ela tinha uma maneira de dizê-lo que lhe soava cada vez mais sarcástica ou desabonadora.

A última vez em que haviam conversado pessoalmente, logo após o Dia de Ação de Graças, ela o criticara, como de costume, por haver abandonado sua antiga vida e mudado para aquele canto remoto de Mendocino County, onde aparentemente ele não poderia “fazer nada” ou “tornar-se nada”, e por viver de sua aparência e das “lisonjas de todos esses seus novos amigos”.

– Não é verdade que eu não esteja fazendo nada – protestava ele suavemente.

Ao que ela retrucava:

– Até mesmo os Meninos Luz têm de fazer algo na vida.

É claro que não havia nenhuma possibilidade de ele um dia contar a Celeste o que realmente acontecera com seu mundo, e, embora dissesse a si mesmo que as intenções dela eram as melhores, com suas intermináveis e queixosas preocupações, ele às vezes imaginava como aquilo era possível. Por que ele um dia amara Celeste ou pensara que a amava? E, talvez ainda mais significativo, por que ela o amara? Parecia impossível eles terem sido noivos por um ano antes de sua vida ter virado de cabeça para baixo, e a coisa que ele mais desejava naquele momento era que ela o deixasse em paz, que o esquecesse, que desfrutasse de seu novo relacionamento com seu melhor amigo, Mort, e fizesse do coitado seu “projeto em andamento”. Mort amava Celeste, e Celeste parecia amá-lo. Então, por que isso tudo não chegava ao fim de uma vez por todas?

Ele estava sentindo amargamente a falta de Laura, com quem sempre compartilhara tudo e, desde que ela partira de Nideck Point e voltara para casa, para pensar acerca de sua decisão crucial, ele ainda não tivera notícias dela.

Por puro impulso, Reuben dirigiu para o sul para procurá-la em sua casa no limite da Floresta de Muir.

Durante todo o trajeto, ele meditou a respeito de tudo que vinha acontecendo. Ele queria ouvir música, sonhar acordado, desfrutar do passeio, com ou sem chuva, mas os problemas o cercaram de um modo não muito feliz.

Era de tarde, o céu estava plúmbeo e cintilando, e a chuva não dava trégua. Mas ele já estava acostumado àquilo e agora admirava o cenário como parte do charme invernal de sua nova existência.

Passara a manhã na cidade de Nideck com Felix, enquanto este tomava as providências necessárias para que toda a rua principal fosse decorada para o Natal com folhagens e luzes. Cada árvore seria revestida e receberia luzinhas, e Felix em pessoa financiaria os gastos com a iluminação e com a reforma das fachadas de todas as lojas,

contanto que os donos participassem, o que eles se dispuseram a fazer entusiasticamente. Ele preencheu um cheque para o dono da taverna gastar em decorações especiais no salão principal e consultou diversos moradores também ansiosos para decorar suas casas.

Mais comerciantes apareceram para ocupar as velhas lojas vazias na rua principal – um negociante de sabonetes e xampus especiais, um comerciante de roupas vintage e um especialista em artigos de renda, não só antigas como também modernas. Felix adquirira um antigo e raro teatro de projeções de filmes e o estava restaurando, embora não soubesse ao certo para qual propósito.

Reuben teve de sorrir de todo aquele processo de restauração urbana. Felix, porém, não negligenciara aspectos mais práticos de Nideck. Estivera em contato com dois empreiteiros aposentados interessados em abrir uma loja de produtos de informática e outra de consertos gerais, e diversas pessoas tinham interesse na ideia de um café e de uma banca de jornal. Nideck contava com cerca de 300 moradores e 142 residências. A cidade não tinha condições de suportar os negócios que estavam chegando, mas Felix tinha, e o faria até que o lugar se tornasse um destino singular, charmoso e popular. Ele já vendera quatro lotes a pessoas que construiriam prédios de apartamentos nas proximidades do centro da cidade.

O prefeito idoso, Johnny Cronin, estava em êxtase. Felix lhe oferecera algum tipo de garantia financeira para que abandonasse seu “miserável emprego” numa empresa de seguros cem quilômetros distante de Nideck.

Fora acordado que em breve seria realizado um festival chamado Domingo Natalino, para o qual artesãos de toda espécie seriam convidados e anúncios seriam veiculados em diversos jornais locais. Felix e o prefeito ainda estavam conversando durante um almoço prolongado no salão principal da taverna quando Reuben decidiu que já estava na hora de ir embora.

Mesmo que Laura não estivesse pronta para discutir sua decisão, de uma forma ou de outra ele tinha de vê-la, tinha de roubar o abraço que pudesse obter dela. Caso ela não estivesse em casa, ele ficaria feliz só de se sentar na salinha da casa dela por um tempo ou, quem sabe, espreguiçar-se um pouco e tirar uma soneca em sua cama.

Talvez não fosse justo fazer isso com ela, mas talvez fosse. Ele a amava, amava-a mais do que jamais amara qualquer namorada ou amante antes dela. Não conseguia suportar ficar sem Laura e, talvez, devesse lhe dizer isso. Por que não dizê-lo? O que poderia perder? Ele não iria tomar a decisão por ela nem impedir que ela a tomasse. Precisava parar de sentir medo do que pensaria ou sentiria a respeito da decisão que ela escolhesse tomar.

Estava ficando escuro quando Reuben parou o carro na estradinha da casa de Laura.

Outra mensagem urgente de Celeste chegou em seu iPhone. Ele a ignorou.

A pequena casa de telhado íngreme na floresta estava acolhedora-mente iluminada, tendo como pano de fundo o grande abismo escuro formado pelas árvores, e ele podia sentir o cheiro da lareira com toras de carvalho. Subitamente, foi acometido pela ideia de que deveria ter trazido um presentinho consigo, flores, talvez ou, inclusive, quem sabe... um anel. Ele não pensara nisso antes e sentiu-se repentinamente arrasado.

E se ela estivesse acompanhada de um homem de quem ele não soubesse nada a respeito? E se não viesse abrir a porta?

Bem, ela veio abrir a porta.

E, no momento em que a viu, Reuben desejou fazer amor com ela, e nada mais. Ela usava uma calça jeans desbotada e um velho suéter cinza que fazia seus olhos parecerem ainda mais esfumaçados e escuros, e estava sem maquiagem, a aparência silenciosamente esplêndida, os cabelos soltos sobre os ombros.

– Venha aqui comigo, seu monstro – disse ela, numa voz baixa e sedutora, abraçando-o com força, beijando-o por todo o rosto e pescoço. – Olhe só esses cabelos escuros, hummm, e esses olhos azuis. Eu estava começando a pensar que não parava de sonhar com você.

Ele segurou-a com tanta força que deve tê-la machucado. Ansiava por um momento em que não fizesse nada a não ser segurá-la.

Ela levou-o para o quarto dos fundos. Estava com as bochechas rosadas e radiante, os cabelos lindamente macios e mais fartos do que o que Reuben se lembrava, certamente também mais louros, cheios de

luz, pareceu-lhe, e a expressão pareceu-lhe maliciosa e deliciosamente íntima.

Havia uma chama reconfortante no forno Franklin de ferro preto. E duas pequenas luminárias de vidro fosco iluminavam cada lado da cama de carvalho com suas colchas macias e crespas e os travesseiros de renda.

Ela puxou as cobertas e ajudou-o a tirar a camisa, o paletó e as calças. O ar estava agradável, seco e doce, como sempre fora na casa dela, o seu pequeno covil.

Ele estava fraco devido ao alívio, mas isso durou apenas alguns segundos, e então ele a estava beijando como se jamais houvessem se separado. Sem tanta pressa, sem tanta pressa, ele não parava de dizer a si mesmo, mas não ajudava muita coisa. Aquilo estava bem mais quente, tudo aquilo, mais exuberante e divinamente tosco.

Eles deitaram-se juntos depois, cochilando, enquanto a chuva gotejava nas janelas. Ele acordou com um sobressalto e virou-se para vê-la com os olhos abertos mirando o teto. A única luz vinha da cozinha. E também havia comida sendo preparada. Ele podia sentir o cheiro. Frango assado e vinho tinto. Ele conhecia aquela fragrância, bem o suficiente, e estava subitamente faminto demais para pensar em qualquer outra coisa.

Eles jantaram juntos na mesa redonda de carvalho, Reuben usando um robe de veludo que ela encontrara para ele, e Laura em um daqueles adoráveis vestidinhos brancos de flanela que ela tanto amava. Era adornado com bordados azuis e uma fitinha azul no colarinho, mangas e bolsos, e tinha botões azuis também, um complemento lisonjeador a seu sorriso deslumbrante e reservado, e a sua pele resplandecente.

Eles não disseram nada enquanto comiam, Reuben devorando tudo como sempre, e Laura, para a surpresa dele, comendo de verdade sua comida em vez de ciscá-la no prato.

Uma quietude caiu sobre eles assim que terminaram a refeição. O fogo estava crepitando e farfalhando na lareira da sala de estar. E toda a casinha parecia a salvo e forte contra a chuva que martelava o telhado e as janelas. Como deve ter sido crescer sob aquele teto? Ele

não conseguia imaginar. *Morphenkind* ou não, ele se dava conta, as grandes florestas ainda representavam para ele a vastidão selvagem.

Isso era algo que ele amava, o fato de não jogarem conversa fora, de poderem passar horas e horas sem conversar, de falarem sem falar, mas o que eles estavam dizendo um para o outro, sem palavras, naquele exato instante?

Ela estava sentada imóvel na cadeira de carvalho, apenas com a mão esquerda sobre a mesa, a mão direita no colo. Parecia que o estava observando raspar o prato, e ele sentia isso agora e também algo particularmente sedutor em relação a ela, em relação àqueles lábios grossos e à massa de cabelo que lhe emoldurava o rosto.

Então ele percebeu, percebeu como um calafrio percorrendo-lhe o rosto e o pescoço. Por que cargas-d'água ele não percebera de imediato?

– Você fez a coisa – sussurrou ele. – Você tomou a Crisma.

Ela não respondeu. Era como se ele nada tivesse falado.

Os olhos dela estavam mais escuros, e os cabelos mais fartos, bem mais fartos, e até mesmo as sobrancelhas grisalhas haviam escurecido, de modo que ela parecia uma irmã de si mesma, quase idêntica, ainda que totalmente diferente, inclusive com um fulgor mais escuro nas bochechas.

Deus do céu, ele sussurrou sem palavras. E então seu coração começou a bater descontroladamente, e ele pensou que fosse ficar enjoado. Era assim que as outras pessoas o viam naqueles dias que antecediam a transformação, quando as pessoas ao seu redor sabiam que algo lhe havia “acontecido”, e ele se sentia tão inteiramente distante e sem medo.

Será que ela estava tão distante dele naquele momento, como ele estivera de toda a sua família? Não, isso não seria possível. Aquela era Laura, Laura que acabara de recebê-lo, Laura que acabara de levá-lo para a cama. Ele enrubesceu. Por que não descobrira antes?

Nada mudara na expressão dela, nada mesmo. Exatamente como acontecera com ele. Ele mirava daquele jeito, ciente de que os outros queriam algo dele, mas sentia-se incapaz de dar. Mas então, nos braços

dele, ela fora suave e se derretera como sempre, dando, confiando, estando próxima.

– Felix não contou para você? – perguntou ela. Até sua voz parecia diferente, agora que ele sabia. Apenas um timbre mais rico, e ele podia jurar que os ossos do rosto dela estavam ligeiramente maiores, mas isso podia muito bem ser fruto de seu temor.

Ele não conseguia fazer com que as palavras saíssem de sua boca. Ele não sabia quais eram as palavras. Um lampejo do calor de quando haviam feito amor voltou a dominá-lo, e Reuben sentiu um imediato desejo. Ele a queria novamente e, no entanto, estava se sentindo o quê? Doente? Será que estava doente de medo? Ele estava odiando a si mesmo.

– Como é que está se sentindo? – ele conseguiu dizer. – Está se sentindo mal? Enfim, existe algum efeito colateral?

– Eu fiquei um pouquinho enjoada no início – respondeu ela.

– E você estava sozinha e ninguém...

– Thibault esteve aqui todas as noites – disse ela. – Às vezes Sergei. Às vezes Felix.

– Aqueles demônios – sussurrou ele.

– Reuben, não – disse ela da maneira mais simples e sincera. – Você não deve pensar nem por um minuto que alguma coisa ruim aconteceu. Você não deve.

– Eu sei – murmurou ele. Ele estava sentindo um latejamento no rosto e nas mãos. Dentre todos os lugares, logo nas mãos. O sangue corria em suas veias. – Mas você esteve em alguma espécie de perigo?

– Não, nenhum – respondeu ela. – Isso simplesmente não acontece. Eles explicaram tudo isso. Não quando a Crisma é passada e não há ferimentos reais à pessoa. Os que morrem, morrem quando suas feridas não podem ser alcançadas pela Crisma.

– Foi o que eu imaginei – disse ele. – Mas nós não temos um manual para consultar quando começamos a nos preocupar, temos?

Ela não respondeu.

– Quando foi que você decidiu?

– Eu decidi quase que imediatamente – disse ela. – Eu não consegui resistir. Não fazia nenhum sentido dizer para mim mesma que eu

estava avaliando a situação, dando a ela a consideração que ela merecia. – A voz dela ficou mais cálida, bem como sua expressão. Aquela era Laura, a sua Laura. – Eu queria isso, e disse para Felix e para Thibault.

Ele estudou-a, ignorando o impulso de levá-la para a cama novamente. A pele dela parecia estar úmida, jovem, e, embora ela jamais houvesse lhe parecido velha, seu corpo havia recebido um aprimoramento poderoso, não havia a menor dúvida acerca disso. Ele mal conseguia suportar olhar para os lábios dela e não os beijar.

– Eu fui até o cemitério – disse ela. – Falei com meu pai. – Ela baixou os olhos, obviamente achando difícil tocar naquele assunto. – Bem, falei como se pudesse falar com ele – disse ela. – Eles estão todos enterrados lá, você sabe, minha irmã, minha mãe, meu pai. Eu falei com eles. Falei com eles sobre tudo isso. Mas eu tomei a decisão antes mesmo de sair de Nideck Point. Eu sabia que faria isso.

– Todo esse tempo eu estava imaginando que você iria se recusar, que você diria não.

– Por quê? – perguntou ela delicadamente. – Por que você pensaria algo assim?

– Não sei – disse ele. – Talvez porque você tivesse perdido tanto e quisesse bem mais. Porque você tivesse perdido seus filhos, e talvez quisesse ter outro filho, não um filho *Morphenkind*, seja lá o que isso possa significar, mas um filho. Ou porque você acreditasse na vida e pensasse que a vida em si valesse o que nós cedemos para ter o que temos.

– Vale a pena morrer para ter isso? – perguntou ela.

Ele não respondeu.

– Você fala como se estivesse arrependido – disse ela. – Mas eu acho que isso deve acontecer em algum momento.

– Eu não me arrependo de nada – disse ele. – Eu não sei o que sinto, mas podia imaginar você dizendo não. Podia imaginar você querendo outra chance com uma família, um marido, um amante, e filhos.

– Reuben, o que você nunca entendeu... o que você parece ser absolutamente incapaz de entender... é que isso significa que nós não

morremos. – Ela disse isso sem drama, mas era cortante para Reuben, e ele sabia que era verdade. – Toda a minha família morreu – disse ela, sua voz baixa e um certo tom de reprimenda. – Toda a minha família! Meu pai, minha mãe, sim, no tempo certo; mas minha irmã foi assassinada num assalto a uma loja de bebidas, e meus filhos foram-se todos, todos mortos, levados do modo mais cruel do mundo. Oh, eu nunca falei dessas coisas com você antes, na realidade; e não devia estar falando agora. Eu odeio quando as pessoas ficam falando de seus sofrimentos e de suas perdas. – Seu rosto endureceu subitamente. Então um olhar distante apoderou-se dela como se ela tivesse sido atraída de volta à mais atroz das dores.

– Eu sei o que você está dizendo – disse ele. – Eu não sei nada sobre a morte. Nada mesmo. Até a noite em que Marchent foi morta, eu conhecia apenas uma pessoa que havia morrido, o irmão de Celeste. Oh, meus avós, sim, eles estão mortos, mas eles se foram quando eu era pequeno demais, e é claro que eram bem velhos. E depois Marchent. Eu conhecia Marchent havia menos de 24 horas, e foi um tremendo choque. Fiquei anestesiado. Não se tratou de morte, tratou-se de uma catástrofe.

– Não se apresse em saber tudo sobre isso – disse ela, um pouco derrotada.

– E eu não deveria? – Ele pensou nas pessoas cujas vidas tirara, os caras maus cujas vidas o Lobo Homem arrancara sem tripudiar. E bateu forte nele a percepção de que logo, logo, Laura também teria aquela força bruta para matar como ele matara, enquanto ela própria seria invulnerável.

Agora não havia palavras para ele.

Imagens inundavam sua mente, preenchendo-o com uma tristeza agourenta e um quase desespero. Ele visualizou-a num cemitério do interior falando com os mortos. Pensou naquelas fotos dos filhos dela que ele vira. Pensou em sua família, sempre presente, e então pensou em seu próprio poder, naquela força ilimitada que ele desfrutava ao subir nos telhados à medida que as vozes o convocavam a abandonar sua humanidade e a ingressar no puro e simples Lobo Homem que mataria sem arrependimento ou compaixão.

– Mas você ainda não mudou por completo, mudou? Ainda não?

– Não, ainda não – respondeu ela. – Apenas as pequenas mudanças até agora. – Ela desviou o olhar sem mover a cabeça. – Eu consigo ouvir a floresta – disse ela com um sorriso tênue. – Consigo ouvir a chuva de uma maneira que jamais ouvi antes. Percebo as coisas. Percebi quando você estava se aproximando. Eu olho para as flores e juro que consigo vê-las crescer, vê-las desabrochando, vê-las morrendo.

Ele não falou nada. Era bonito o que ela estava dizendo, embora o assustasse. Até mesmo o suave olhar reservado no rosto dela o assustava. Ela estava desviando o olhar.

– Existe um deus norueguês, não existe, Reuben, que consegue ouvir a grama crescendo?

– Heimdall – disse ele. – O guardião do portão. Ele consegue ouvir a grama crescendo e ver centenas de léguas à frente, de dia ou de noite.

Ela riu.

– Exato. Eu vejo as próprias estrelas em meio à neblina, em meio às nuvens; eu vejo o céu que ninguém mais consegue ver dessa floresta mágica.

Ele deveria ter dito, *Espere um pouco, espere um pouco até a mudança total ocorrer em você*, mas sua voz morreria na boca.

– Eu ouço os veados na floresta – disse ela. – Consigo ouvi-los agora. Eu quase consigo... captar-lhes o cheiro. É tênue. Eu não quero imaginar coisas.

– Eles estão lá. Dois, lá fora, pouco depois da clareira – comentou ele.

Ela estava observando-o novamente, observando-o daquele jeito impassível, e ele não conseguia suportar olhá-la nos olhos. Ele pensou nos veados, criaturas tão esplêndidas e suaves, mas se não parasse de pensar neles sentiria desejo de matá-los e devorá-los. Como ela se sentiria quando isso acontecesse com ela, quando ela não conseguisse pensar em nada além de enterrar as presas no pescoço do veado e dilacerar seu coração enquanto ainda batesse?

Ele estava ciente de que ela estava se movendo, contornando a mesa em sua direção. O aroma suave e limpo de sua pele pegou-o de surpresa enquanto a floresta em sua mente se dissipava, desvanecia.

Ele acomodou-se na cadeira vazia, e então ela aproximou-se e pôs a mão na lateral de seu rosto.

Lentamente, ele olhou-a nos olhos.

– Você está com medo – disse ela.

Ele assentiu com a cabeça.

– Estou, sim.

– Você está sendo sincero em relação a isso.

– E isso é bom?

– Eu te amo muito – disse ela. – Muito mesmo. É melhor assim do que dizer todas as coisas corretas, que você percebe agora que nós estaremos juntos nisso, que você jamais me perderá como poderia ter perdido, que eu logo, logo, serei invulnerável às mesmas coisas que não podem feri-lo.

– Isso é o que eu deveria dizer, o que eu deveria pensar.

– Talvez. Mas você não fala mentiras, Reuben, exceto quando precisa, e você não gosta de segredos, e eles lhes são dolorosos.

– São, sim. E agora nós dois somos um segredo, Laura, um segredo muito grande. Nós somos um segredo perigoso.

– Olhe para mim.

– Estou tentando fazer isso.

– Conte-me tudo, simplesmente. Deixe fluir.

– Você sabe do que se trata – disse ele. – Quando eu vim para cá, naquela primeira noite, quando eu estava vagando aí fora, o Lobo Homem, e a vi, você era como um ser inocente, suave, alguma coisa puramente humana e feminina, e maravilhosamente vulnerável, parada naquela varanda, e você era tão...

– Sem medo.

– Exato, mas frágil, intensamente frágil, e, mesmo ao me apaixonar por você, tinha muito medo por você, medo de você abrir a porta daquele jeito para uma coisa como eu. Você não sabia o que eu era de fato. Você não fazia ideia. Você pensava que eu fosse um simples Homem Selvagem, você mesma sabe disso, alguma coisa vinda do interior da floresta e que não pertencia às cidades dos homens, lembra-se disso? Você fez de mim um mito. Eu queria abraçá-la, protegê-la, salvá-la de você mesma, salvá-la de mim mesmo! Da sua imprudência,

enfim, da sua falta de noção ao me convidar a entrar em sua casa daquela maneira.

Ela parecia estar sopesando algo. Começou a falar, mas parou.

– Eu queria simplesmente arrancar de você aquela dor – disse ele.
– E quanto mais eu aprendia acerca daquela dor, mais eu queria aniquilá-la. Mas, evidentemente, eu não tinha como fazer isso. Tudo o que eu consegui foi comprometê-la, trazê-la comigo até a metade desse segredo.

– Eu queria ir com você – disse ela. – Eu queria o segredo, não queria?

– Mas eu não era nenhuma fera primitiva da floresta – disse ele.
– Eu não era nenhum homem cabeludo mitológico. Eu era Reuben Golding, o caçador, o matador, o Lobo Homem.

– Eu sei – disse ela. – E eu o amei em toda sua trajetória em direção ao conhecimento do que você realmente era, não é verdade?

– É verdade. – Ele suspirou. – Então, do que tenho medo?

– De não amar a *Morphenkind* que eu me tornar – disse ela com simplicidade. – E, portanto, de não me amar quando eu ficar tão poderosa quanto você.

Ele não conseguiu responder.

E respirou fundo.

– E quanto a Felix e Thibault, eles sabem como controlar quando a mudança completa ocorre?

– Não. Eles dizem que deve ocorrer logo. – Ela esperou e, como ele não dissesse nada, prosseguiu: – Você está com medo de não me amar mais, de eu deixar de ser aquela coisa suave, rosada e vulnerável que você encontrou nessa casa.

Ele odiou-se por não responder.

– Você não consegue ficar feliz por mim, você não consegue ficar feliz com o fato de que vou compartilhar isso com você, não é mesmo?

– Eu estou tentando. Estou mesmo, juro que estou tentando.

– Desde que começou a me amar, você se sentia infeliz por não poder compartilhar isso comigo, você sabe disso – disse ela. – Nós conversávamos sobre isso, e a coisa estava lá quando não conversávamos a respeito, o fato de que eu podia morrer, e você não podia me conce-

der esta dádiva por medo de me matar, o fato de que talvez eu jamais viesse a compartilhar isso com você. Nós falávamos sobre isso. Nós falávamos.

– Eu sei disso, Laura. Você tem todo o direito de estar furiosa comigo. De estar decepcionada. Deus é testemunha, eu decepção as pessoas.

– Não, você não decepção. Não diga essas coisas. Se está falando da sua mãe e daquela abominável Celeste, bem, está certo, você as decepção por ser bem mais sensível do que o que elas podiam imaginar, por não querer participar do mundo cruel delas, com sua ambição gananciosa e seu nauseante autossacrifício. E daí? Decepção-as!

– Hummm – sussurrou ele. – Eu nunca ouvi você falando desse jeito antes.

– Bem, eu agora não sou mais a Chapeuzinho Vermelho, certo? – Ela riu. – Falando sério agora. Elas não sabem quem você é. Mas eu sei e seu pai sabe, assim como Felix, e você não está me decepcionando. Você me ama. Você ama quem eu era e tem medo de perder aquela pessoa. Isso não é decepção.

– Eu acho que devia ser.

– Tudo era muito teórico para você – disse ela. – O fato de você vir a compartilhar a dádiva comigo, de eu vir a morrer se você não fizesse isso. Era muito teórico para você ter essa coisa. Tudo aconteceu rápido demais para você.

– Isso é a mais pura verdade – concordou Reuben.

– Olhe, eu não espero nada de você que você não possa me dar – disse ela. – Permita-me apenas uma coisa. Permita-me que eu faça parte de você como um todo, mesmo que você e eu não possamos mais ser amantes. Permita-me isso, que eu faça parte de você, de Felix, de Thibault e de...

– É claro, é claro. Você acha que eles iriam permitir que eu te levasse para longe? Você acha que eu faria uma coisa dessas? Laura!

– Reuben, não existe nenhum homem vivo que não se sinta possuidor da mulher que ama, que não queira controlar seu acesso a ela e o acesso dela a ele e ao mundo dele.

– Laura, eu sei tudo o que...

– Reuben, você deve estar sentindo alguma coisa em relação ao fato de eles me terem dado a Crisma, gostando ou não que tenham feito isto, do fato de que tomaram esta decisão a meu respeito, e comigo essencialmente, sem que eles me vissem como parte de você. E eu tomei a minha decisão da mesma maneira.

– Como deveria ser, pelo amor do...

Ele parou.

– Eu não gosto do que estou descobrindo sobre mim mesmo – disse ele. – Mas isso aqui é vida e morte, e a escolha é sua. E você acha que eu conseguiria suportar isso se eles deixassem por minha conta, se tivessem tratado você como se fosse uma posse minha?

– Não, eu acho que não – disse ela. – Mas nem sempre nós conseguimos ser racionais com nossos sentimentos.

– Bem, eu te amo. E vou aceitar isto. Vou, sim. Depois disso, eu vou te amar da mesma maneira que te amo agora. Pode ser que meus sentimentos não escutem a razão. Mas eu estou dando a eles uma ordem direta.

Ela riu. E ele também riu, inadvertidamente.

– Agora, diga-me. Por que você está aqui agora, sozinha, quando a mudança pode acontecer a qualquer momento?

– Eu não estou sozinha – disse ela. – Thibault está aqui. Está aqui desde antes de escurecer. Está aí fora, esperando você sair. Ele vai ficar comigo todas as noites até que tudo esteja resolvido.

– Bem, então por que você não volta para casa agora? – perguntou ele.

Ela não respondeu. Estava novamente olhando para o outro lado, como se estivesse escutando os sons da floresta.

– Volte comigo agora. Vamos fazer as malas e sair daqui.

– Você está sendo bem corajoso – disse ela silenciosamente. – Mas eu quero acompanhar o processo aqui. E você sabe que assim é melhor para nós dois.

Ele não podia negar. Não podia negar que estava aterrorizado com a possibilidade da transformação acontecer exatamente naquele momento. A simples hipótese já era mais do que ele conseguia suportar.

– Você está em mãos seguras com Thibault – disse ele.

– É claro – concordou ela.

– Se fosse Frank, eu o mataria com minhas próprias garras.

Ela sorriu, mas não protestou.

Ele estava sendo ridículo, não estava? Afinal de contas, Thibault – no momento em que recebera a dádiva – não fora revigorado por ela? Qual era a diferença prática entre os dois homens? Um parecia um idoso professor de universidade e o outro um Don Juan. Mas eram ambos *Morphenkinder* de corpo e alma, não eram? No entanto, Thibault transmitia a graça da idade, e Frank mantinha-se eternamente na flor da idade. E saltou-lhe aos olhos subitamente, e com toda a força, que ela ficaria para sempre com a beleza que exibia agora; e ele próprio, *ele próprio*, jamais envelheceria, ou pareceria mais velho, ou teria um aspecto de alguém mais velho – jamais tornando-se o sábio e venerável homem que seu pai era –, nunca, jamais envelhecendo além daquele ponto em que se encontrava. Ele poderia muito bem ser o jovem na urna grega de Keats.

Como ele pôde ter deixado de perceber essas coisas e o que elas deviam significar para ela e deveriam significar para ele? Como não fora transformado por essa percepção, por esse conhecimento secreto? Era algo teórico para ele, ela estava certa.

Ela *sabia*. Sempre soubera qual era a importância total de tudo isso. Tentara fazer com que ele percebesse isso, e quando ele permitiu que isso aflorasse agora sentiu-se ainda mais envergonhado do que nunca por temer a mudança nela.

Ele levantou-se e caminhou até o quarto dos fundos. Sentia-se tonto, quase sonolento. A chuva estava pesada agora, batendo com força no telhado da velha varanda em cima do quarto. Ele sentiu uma ânsia de pegar a estrada, de seguir para o norte em meio à escuridão.

– Se Thibault não estivesse aqui, eu não pensaria em ir embora – disse ele. Ele vestiu as roupas, apressadamente abotoando a camisa e vestindo o casaco.

Então virou-se para ela e as lágrimas brotaram-lhe nos olhos.

– Você voltará para casa assim que for possível – disse ele.

Ela abraçou-o e ele a reteve contra si o máximo que ousava reter, esfregando o rosto nos cabelos dela, beijando-a seguidamente nas bochechas.

– Eu te amo, Laura. Eu te amo do fundo do coração, Laura. Eu te amo do fundo da minha alma. Eu sou jovem e tolo e não compreendo tudo isso, mas eu te amo, e quero que você volte para casa. Eu não sei o que tenho a lhe oferecer que os outros não possam oferecer, e eles são mais fortes, melhores e infinitamente mais experientes...

– Pare. – Ela pôs os dedos na frente da boca dele. – Você é o meu amor – sussurrou ela. – Meu único amor.

Ele saiu pela porta dos fundos e desceu os degraus em direção à chuva. A floresta era um invisível paredão escuro; apenas a grama molhada aparecia nas luzes vindas da casa. E a chuva o chicoteava e ele estava odiando aquilo.

– Reuben – chamou ela. Ela estava parada na varanda da mesma maneira que estivera naquela primeira noite. A antiga lamparina estilo Velho Oeste a querosene estava lá no banquinho, mas não estava acesa, e ele não conseguia distinguir as feições do rosto dela.

– O que é?

Ela desceu os degraus em direção à chuva.

Ele não conseguiu resistir e abraçou-a novamente.

– Reuben, aquela noite. Você precisa compreender. Eu não ligava para o que poderia acontecer comigo. Não ligava nem um pouco.

– Eu sei.

– Eu não dava a mínima se vivia ou se morria. Não mesmo. – A chuva estava encharcando os cabelos dela, no rosto voltado para cima.

– Eu sei.

– Eu não sei se você tem como saber – disse ela. – Reuben, nenhum fenômeno paranormal, psíquico ou sobrenatural jamais aconteceu comigo. Nada. Eu nunca tive nenhum pressentimento ou sonho premonitório. Jamais os espíritos do meu pai, da minha irmã, do meu marido ou os dos meus filhos vieram até mim, Reuben. Jamais ocorreu algum momento reconfortante no qual eu senti a presença deles. Jamais tive sequer uma ideia de que eles estavam vivos em algum lugar.

Jamais houve uma brecha, uma brecha que fosse, das regras do mundo natural. Foi assim que eu vivi até você aparecer, no mundo natural.

– Eu compreendo – disse ele.

– Você foi uma espécie de milagre, algo monstruoso apesar de fabuloso, e o rádio, a TV e os jornais falavam sem parar sobre você, essa coisa desse Lobo Homem, esse incrível ser, essa alucinação, essa quimera espetacular. Eu não sei como descrever isso – e aí apareceu você, aí apareceu você – e você era absolutamente real, e eu te vi e toquei em você. E eu não dava a mínima! Eu não ia te entregar de jeito nenhum. Eu não dava a mínima!

– Eu compreendo. Eu sei. Percebi isso naquele momento.

– Reuben, eu quero viver agora. Quero estar viva. Quero estar viva com cada fibra do meu corpo, você não vê, e para você e para mim, isso é estar viva.

Ele estava prestes a levantá-la, a carregá-la de volta a casa, mas ela afastou-se e levantou as mãos. Sua camisola estava encharcada e grudada aos seios, e os cabelos estavam escuros ao redor do rosto. Ele estava enregelado até os ossos e pouco importava.

– Não – disse ela, dando um passo para trás, ainda que segurando com firmeza as lapelas dele. – Escute o que estou dizendo. Eu não acredito em coisa alguma, Reuben. Eu não acredito que alguma vez voltarei a ver meu pai, meus filhos ou a minha irmã. Acho que eles simplesmente se foram. Mas eu quero viver. E isso significa não morrer.

– Eu compreendo – disse ele.

– Eu agora me importo, você não vê?

– Vejo, sim – respondeu ele. – E eu quero entender mais, Laura. E vou entender. Prometo a você. Eu vou.

– Vá agora, por favor – disse ela. – E eu vou voltar logo, logo, para casa.

Ele passou por Thibault a caminho do carro. Thibault, imponente e majestoso, numa brilhante capa de chuva preta, de pé sob a grande figueira Douglas, com um guarda-chuva, um grande guarda-chuva preto. Talvez Thibault tenha lhe acenado com a cabeça, ele não sabia ao certo. Apenas entrou em seu carro e dirigiu-se ao norte.